



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

**AS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL : LENDO  
PARA CRIANÇAS DO BERÇÁRIO.**

LORENA BARBOSA MENDES

Rio de Janeiro

2017

**AS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL : LENDO  
PARA CRIANÇAS DO BERÇÁRIO.**

Monografia apresentada junto ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação plena em Pedagogia.

**Orientador:** Prof. Dr. Leonardo Villela de Castro

Rio de Janeiro

2017

Lorena Barbosa Mendes

**AS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL : LENDO  
PARA CRIANÇAS DO BERÇÁRIO.**

Monografia apresentada junto ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Dr Leonardo Villela de Castro  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Diego Vargas

Rio de Janeiro, de novembro de 2017.

## **Dedicatória**

Dedico esse trabalho a minha vó que tanto me incentivou e me criou com tanto amor.

## **Agradecimentos**

Gostaria muito mesmo de agradecer a todos que tornaram esse trabalho possível. Aos meus pais, muito obrigada por me apoiarem. A todos os meus colegas de curso que dividiram as mesmas angústias e os mesmos sonhos e esperanças.

A Carol, minha grande amiga que sempre foi atenciosa e nunca reclamou de ouvir todas as minhas lamentações sobre a faculdade, mas sempre me pondo pra cima e dizendo que eu conseguiria tirar isso de letra. Ao meu namorado Gabriel, por me amar tanto, me apoiar e ter tanta paciência comigo.

Ao meu orientador Leonardo que se mostrou o melhor orientador que eu poderia ter, obrigada por ter caminhado junto comigo nesses meses de pesquisa e escrita.

Agradeço imensamente também ao professor Diego por aceitar ler essa pesquisa, suas aulas na disciplina de Literatura na Escola foram muito esclarecedoras e me ajudaram demais a compor esse trabalho.

Obrigada também a toda equipe das duas turmas do Berçário 2 que dividem todas as suas tardes comigo e as crianças que compõe essas turmas, vocês são incríveis e tenho muito orgulho de passar pela educação de vocês e presenciar os seus desenvolvimentos.

E principalmente, a minha grande avó Eneida, que foi a pessoa mais feliz do mundo quando eu entrei na faculdade e que sempre me incentivou a estudar e nunca escondeu o quanto estava orgulhosa de mim. Eu sei que o sonho dela era me ver realizando meus sonhos e terminando a faculdade, mas infelizmente ela faleceu antes disso e eu sinto sua falta todos os dias. Esse trabalho é especialmente pra você, vó.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como principal objetivo conhecer e refletir sobre a presença da leitura literária na educação infantil, suas práticas e como elas influenciam e afetam as crianças, mais especificamente em turmas de Berçário II, onde a faixa etária das mesmas vão de 1 até 2 anos. O presente estudo será dividido em 3 partes nas quais serão discutidos a importância da literatura para o desenvolvimento global do ser, aspectos históricos da literatura infantil e a sua relação com a escola e por fim, as práticas de leitura. Para um maior aprofundamento do tema foi buscado um embasamento teórico de autores como Abramovich, Candido, Coelho, Lajolo e Zilberman. Além da pesquisa bibliográfica também será realizada uma pesquisa de campo aonde por meio de observações do cotidiano e entrevistas com as professoras das turmas os dados serão coletados.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Bebês. Creche. Educação Infantil

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
PNBE	Programa Nacional Biblioteca na Escola
PISA	Programa Internacional de avaliação de alunos
SAEB	Sistema de avaliação da educação básica
INAF	Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional
ANA	Avaliação Nacional Alfabetização
PNSL	Programa Nacional Sala de Leitura
INL	Instituto Nacional do Livro
FAE	Fundação de Assistência ao Estudante
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
RECNEI	Referencial Curricular para a Educação Infantil
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
PPP	Projeto Político Pedagógico

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	8
<b>1. Leitura e Literatura</b>	13
1.1 - Breve Histórico da Literatura Infantil	16
<b>2. Literatura e Escola</b>	19
<b>3. Práticas de Leitura Literária na Escola</b>	26
3.1 – Apresentação do local de Pesquisa	26
3.2 – A Metodologia da pesquisa de campo	28
3.3 – Práticas de Leitura no Berçário 2	29
<b>Considerações Finais</b>	36
<b>Referências</b>	38
<b>Anexos</b>	42



## INTRODUÇÃO

Quando penso nos meus anos na educação básica, o que me vem a mente são as mudanças contínuas das escolas, ora da rede privada e ora da rede pública. Nunca fui uma aluna nota 10, sempre ficava apenas na média e tinha grandes problemas em relação a matemática, e por causa disso nunca tive nenhuma pretensão de fazer faculdade. Ora, pra quê? A grande parte dos meus familiares que conviviam comigo não tinham feito.

Durante o Ensino Médio me reaproximei do meu pai, que no momento estava cursando a faculdade de direito, e ele foi o meu maior incentivador em relação a fazer uma graduação. Então meus planos mudaram, mas qual caminho seguir? História era minha paixão desde o Fundamental I, mas a literatura também era uma coisa que eu amava. E algo com crianças? Eu sempre gostei e tive facilidade com elas.

Acabei optando por História como primeira opção e Pedagogia como segunda. Fiz o ENEM e por mais que não tenha conseguido passar na primeira chamada, fui para a lista de espera, e na semana seguinte fui chamada para realizar minha matrícula, na Pedagogia.

No primeiro momento, estar na universidade era um sonho que eu nunca achei que realizaria, muito menos em uma Universidade Federal, tendo disputado em ampla concorrência. Graças ao PIBID de Educação Infantil pude vivenciar pela primeira vez como é estar em uma sala de aula com crianças pequenas, e também vivenciei diversas experiências que me fizeram ter certeza de estar no caminho certo.

A Literatura sempre teve um lugar especial na minha vida, então não tive dúvidas em relação a sua escolha como tema da monografia.

Como estudante deste curso meu interesse pelos livros se transformou para algo além do prazer. Pude compreender melhor não somente a importância da leitura e dos livros no ambiente escolar, mas também a relevância do papel do professor para oportunizar esses momentos de envolvimento com a literatura.

Devido ao fato de que atualmente vivemos em uma sociedade centrada na cultura escrita, a leitura passa a ser essencial, tornando imprescindível a discussão sobre a formação de leitores.

Segundo Zilberman (2008, pg 16) “A literatura introduziu-se na escola desde o começo dessa instituição” sendo reinventada a partir de diversas mudanças ocorridas no decorrer dos séculos, mas na maior parte das escolas brasileiras ainda prevalece a ideia da literatura prescritiva do comportamento, dos ensinamentos morais.

O incentivo à leitura deve começar desde pequenos com a família, pois ela é importantíssima nessa aproximação dos indivíduos com os livros em um ambiente informal, sem nenhuma obrigatoriedade. Uma criança que vive em um ambiente no qual a leitura está presente irá ter uma aproximação maior com os livros desde cedo, desenvolvendo uma boa relação com a leitura.

O estímulo à leitura deve ser iniciado com o hábito de ler em família, fazendo da leitura algo cotidiano, pois esse é um processo que a torna algo simples e natural. Mas a realidade é outra, muitas vezes, a família não participa da educação para a leitura. (CASSIANO, p. 8, 2009)

Devido as dificuldades do dia a dia e dos trabalhos, às vezes os pais acabam não tendo tempo para leitura com seus filhos deixando assim essa difícil tarefa para a escola.

Cabe a ela, como instituição social, promover a leitura e a formação de leitores críticos e capazes. Para tal, foram implementadas diferentes políticas públicas de acesso, promoção e incentivo à leitura. Podemos destacar : Programa Nacional Sala de Leitura, Proler, Pró-leitura na formação do professor, Programa Nacional Biblioteca do Professor e o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Dentre os citados, apenas o PNBE e o Proler ainda permanecem em vigor.

Esses programas destinam-se a distribuição de acervos de literatura para todas as bibliotecas de escolas públicas brasileiras. Porém, de acordo com a quarta edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, é constatado que o brasileiro lê apenas 4,96 livros por ano, sendo que desses 0,94 são indicados pela escola e 2,88 lidos por vontade própria. Esse índice relativamente baixo nos faz pensar acerca de quais práticas de leitura literária estão sendo realizadas na escola.

Para que a leitura cumpra o papel que precisa cumprir na vida dos alunos, a escola não pode ter como padrão uma leitura mecânica e desestimulante. Ao contrário. A escola pode e precisa tornar seus alunos capazes de uma leitura abrangente, crítica, inventiva. Só assim os livros farão sentido na vida deles. (LAJOLO, 2005, pg 13)

Retomando o pensamento sobre a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, podemos perceber a necessidade e importância de propiciar desde cedo às crianças o contato com livros, adequados para a faixa etária, construindo uma prática de leitura lúdica e prazerosa, para que seja criada uma familiaridade desde cedo com a literatura.

A Literatura infantil, como conhecemos atualmente, ganhou em importância quando a concepção de infância começa a se configurar.

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão (LAJOLO;ZILBERMAN, 1986, p. 13).

As primeiras produções literárias infantis tinham como finalidade a moralização da criança e seu condicionamento para os padrões exigidos na época. Apenas com os desenvolvimentos dos estudos nas áreas de Psicologia e Psicanálise é que se passa a ter uma movimentação em favor do lado lúdico da literatura. A partir dos anos 70 e 80 ocorre uma intensificação das análises, interesses e discussões sobre o papel da literatura no ensino que se fazem presentes até os dias atuais.

A Contação de histórias na educação infantil tem um caráter extremamente importante visto que auxilia no desenvolvimento cognitivo, emocional, social e cultural, pois as histórias levam as crianças a lidarem com diferentes emoções e apresentam diversas informações culturais, ampliando o conhecimento do mundo que as cerca.

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. ( BRASIL, 1998 , p.143)

Para Abramovich (1997) o contato com um texto literário estimula na criança a sua capacidade de pensar, debater, questionar, desenhar, imaginar, brincar e querer ouvir de novo.

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), está previsto em uma de suas diversas orientações, práticas de leitura para as crianças

não necessitando atividades sobre o que foi lido, pois ela em si mesma já tem um grande valor. E também considera como essencial o manuseio dos livros pelas crianças e que elas façam a escolha das suas leituras.

O Programa Nacional Biblioteca na Escola, apenas em 2008, passa a destinar também um acervo literário para o segmento da Educação Infantil, incluindo livros para crianças de 0 a 5 anos, mostrando um reconhecimento da importância e necessidade da oferta de livros desde a primeira infância. Porém, oferecer livros não é suficiente para a formação de leitores. Fazem-se necessários estudos, discussões e reflexões sobre práticas lúdicas de incentivo a leitura que estimulem o gosto pela literatura.

A partir das leituras realizadas pude perceber a importância da literatura para o desenvolvimento das crianças, a necessidade que esse contato seja realizado desde cedo, não somente por ser um passo para o futuro adulto leitor mas também pelos benefícios no desenvolvimento da imaginação e fantasia da criança.

Pensando nisso, esse trabalho terá como principais objetivos refletir sobre a importância da literatura para as crianças ; discutir a presença e o uso da literatura na escola; conhecer, discutir e analisar as práticas de leitura literária na educação infantil.

Além dos objetivos, o trabalho será norteado pelas seguintes questões: Como é trabalhada a literatura na primeira infância? Ela está presente no cotidiano da turma? Como essas atividades de literatura ocorrem, com que intenção? Estas são atrativas para as crianças? Que reflexões fazem os professores sobre sua importância?

A partir disso pretendo propor um estudo sobre a leitura literária na educação infantil, suas práticas e como elas influenciam e afetam as crianças.

A sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor de intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmedida sua utilidade.  
(ZILBERMAN 1987, pg 14)

Para atingir os objetivos propostos, o trabalho será dividido em 3 capítulos, sendo eles: A Importância da Leitura Literária, Literatura e Escola e por fim, Práticas de Leitura e a Formação do Leitor.

Nesses capítulos buscarei discutir e refletir primeiramente sobre a importância da literatura em seu geral, e especificamente para as crianças. No segundo capítulo irei analisar a relação entre a literatura e a escola.

No último capítulo irei discutir sobre as práticas de leitura na escola, como elas ocorrem e com qual finalidade, fazendo relatos sobre minha experiência na escola em que irei fazer a pesquisa, buscando os autores centrais do trabalho como base teórica para analisar as experiências relatadas.

Este projeto foi produzido através de um estudo de caso no qual além da leitura da bibliografia, realizou-se uma pesquisa de campo para maior compreensão e enriquecimento do trabalho. Para a coleta de dados foram feitas observações e entrevistas com as professoras

A Pesquisa de campo ocorreu em duas turmas de Berçário II, cuja faixa etária das crianças vai de 1 ano até 2 anos. Essa turma específica foi escolhida pelo fato da pesquisadora já trabalhar com elas desde o início do ano de 2017, já conhecendo as crianças e possuindo um elo maior com as turmas. A escola onde a pesquisa ocorreu situa-se em um dos bairros nobres do Rio de Janeiro, atendendo a famílias de classe média/alta e por apresentar características religiosas se distingue das demais nas localizações próximas.

No que tange a bibliografia, foram consultados teóricos consagrados no campo da literatura infantil e infanto-juvenil, dentre os quais destaco: Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Nelly Novaes Coelho e Antônio Candido.

Todas as leituras realizadas contribuíram para a organização das ideias sobre o tema e reflexão acerca da sua relevância e importância, não só para a melhora do desenvolvimento da aprendizagem e seu papel na formação da identidade da criança, mas também, pelo seu caráter humanizador.

## 1 – Leitura e Literatura

A evolução da leitura como a conhecemos hoje vem desde a antiguidade, onde a maior parte do conhecimento produzido era transmitido oralmente, a sua escrita se resumia a desenhos pintados nas paredes de cavernas.

Conforme as sociedades vão se desenvolvendo e as necessidades se transformam, por exemplo a necessidade de se registrar algum acordo ou venda realizada, as técnicas passam por modernizações, elas saem dos desenhos das cavernas para serem escritas nos papiros, tábuas de madeira, barro, couro e pergaminhos. Os símbolos utilizados para a escrita foram evoluindo igualmente conforme as necessidades das sociedades existentes na época, passando por pictogramas, hieróglifos até a escrita alfabética como a conhecemos atualmente.

Na atual sociedade que vivemos, a cultura escrita passa a ser extremamente valorizada e se faz indispensável para a inserção do indivíduo no mundo, pois precisamos saber ler para as mais diversas atividades que exercemos, como por exemplo: sabermos o que estamos comprando no mercado, para entrevistas de empregos, leitura de jornais, solicitação de documentos etc.

Segundo Bamberger (2004, p.32) “A Leitura suscita a necessidade de familiarizar-se com o mundo, enriquecer as próprias ideias e ter experiências intelectuais” Assim, podemos entender que a leitura é essencial não só para nossas atividades diárias mas também para a nossa formação como seres humanos e para termos uma maior e crítica compreensão crítica do mundo que nos rodeia e como nos inserimos nele.

Para Iser (1996), é fundamental que tenhamos em mente que o leitor tem um papel ativo na construção de significados de um texto, pois por mais que o autor ao escrever seu texto esteja pensando em um resultado final x, os leitores podem conceber diferentes e variadas interpretações dos textos, levando-os a caminhos não previstos pelo autor.

A Literatura por também se constituir como uma das modalidades de leitura existentes, apesar de não ser a modalidade mais difundida socialmente, igualmente pode ser considerada como essencial por possuir características que a diferem das outras leituras.

Para Coelho (2000), a Literatura não é somente arte mas a mais importante das artes, pois as relações de aprendizagem que ocorrem entre ela e o indivíduo são cruciais para que ele alcance sua formação integral, e também pois o que forma a literatura é a palavra (ideias, pensamento, imaginação), o que caracteriza a especificidade do ser humano. A autora também traz em seu livro *Literatura Infantil: Teoria, Análise e Didática*, a ideia de que para a literatura atingir toda a sua potencialidade é de suma importância que a leitura seja entendida como o resultado da relação dialógica entre texto e leitor, relação que já mencionamos do ponto de vista de Iser, que leva o ser humano daquela informação imediata contida no texto para a sua formação individual resultante da interpretação realizada.

Passando a entender a leitura e literatura como essenciais e indispensáveis, Candido (2011) em seu ensaio *O Direito a Literatura*, define como literatura todas as criações poéticas, ficcionais ou dramáticas em todas as esferas de todas as sociedades e culturas.

Vista desse modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Ora, se ninguém pode passar vinte quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (CANDIDO, 2011 p. 176.)

Podemos entender que a literatura sempre esteve presente em todas as sociedades já existentes, se utilizando de lendas, folclore, e de outras formas diversas.

Na antiguidade, a reprodução da literatura ocorria apenas de forma oral, passando de geração em geração por meio de declamações em público ou nas dramatizações, apenas com a maior propagação da escrita é que ela sai desse lugar estrito da oralidade e passa a estar presente nas produções escritas das sociedades atuais, tornando-se um dos marcos do período histórico conhecido como modernidade.

Podemos dizer então que a leitura de livros literários nos tornam participantes ativos de produção e reprodução da cultura. E como é impossível não ter contato com essa modalidade de leitura durante a nossa vida, Candido (2011) define-a como um direito de todos nós, não importando o estágio de nossa vida, igualmente como um bem incompreensível e indispensável para a humanização do

homem. Pois, a partir da leitura literária, nos deparamos com diversas situações que nos fazem refletir sobre nossas vidas, crenças, posturas, valores e emoções.

Podemos perceber que o autor dialoga com Coelho (2000) quando ele diz que “ A Produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado [...] a organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar ; em seguida, a organizar o mundo.” ( CANDIDO,2011. p 179) Assim para os dois autores a literatura se constitui pela palavra e ela leva os seres humanos a se encontrarem como humanos, organizando a si mesmos, seus pensamentos, suas emoções para então refletir sobre a sociedade na qual vivem e organizarem os seus lugares nela. Compreendemos assim que a literatura perpassa os limites do individual atuando também na esfera social, já que ela auxilia não somente a reflexão da relação do ser consigo mesmo como a relação dele com a sociedade, demonstrando toda a sua importância social.

Na verdade, desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: *atuar sobre as mentes*, nas quais se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem. No encontro com a literatura (ou com a arte em geral), os homens têm a oportunidade de ampliar, *transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida*, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade. (COELHO,2000. p.29)

Como Candido (2011) configura a literatura como um direito de todos, não importando gênero, idade ou classe, se faz necessária a reflexão sobre a literatura destinada as crianças. Se a leitura literária é capaz de transformar as nossas experiências e nos fazer repensar nossas atitudes etc, então ela passa a ser mais importante e essencial que nunca com as crianças, que ainda estão em fase de desenvolvimento e construção de suas personalidades.

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/ impossível realização. (COELHO, 2000. p. 27)

## 1.1 Breve Histórico da Literatura Infantil

A Literatura Infantil tem sua primeira produção publicada no século XVII, com a publicação da obra “Os Contos da Mamãe Gansa” de Charles Perrault, que desde o início demonstra as dificuldades que essa modalidade de literatura teria de se legitimar quando ele se recusa a assinar a autoria da primeira edição do livro. Ainda no século XVII, com “As Fábulas” de La Fontaine e “As Aventuras de Telêmaco” de Fenélon, que são editadas entre 1668 a 1694, mas só sendo lançadas somente em 1717.

A Obra de Perrault passa a ser a responsável pelo primeiro surto do gênero e resulta em uma preferência pelos contos de fadas, trazendo para a produção escrita, segundo Zilberman e Lajolo (1984), histórias que até então eram reproduzidas oralmente. Simultaneamente a estas publicações na França, ocorre também na Inglaterra uma grande expansão desse gênero literário, que nesse país se torna evidente sua relação com os acontecimentos econômicos e sociais presentes naquele momento de industrialização.

Com o crescimento financeiro e político das cidades resultantes da industrialização, a burguesia inglesa se consolida como a classe social de maior prestígio e poder político, e passa a incentivar e consolidar instituições que trabalhem a seu favor disseminando seus ideais. A Família é a primeira dessas instituições sociais, resultando na criação de um estereótipo familiar e usando a proteção e preservação da infância das crianças como uma forma de legitimar essa instituição.

A manutenção de um estereótipo familiar, que se estabiliza através da divisão do trabalho entre seus membros (ao pai, cabendo a sustentação econômica, e à mãe, a gerência da vida doméstica privada), converte-se na finalidade existencial do indivíduo. Contudo, para legitimá-la, ainda foi necessário promover, em primeiro lugar, o benefício maior desse esforço conjunto: a criança. A preservação da infância impõe-se enquanto valor e meta da vida; porém, como sua efetivação somente pode ser dar no espaço restrito, mas eficiente, da família, esta canaliza um prestígio social até então inusitado. (ZILBERMAN e LAJOLO, 1984, p. 16).

A partir daí, a criança passa a ocupar um novo papel nessa sociedade, resultando na criação de novos objetos voltados para ela como brinquedos e livros, e novas vertentes da ciência como a pedagogia, psicologia infantil e pediatria.

Seguindo o sucesso de Perrault, ocorreram adaptações de clássicos de aventuras como “Robinson Crusoé” (1719), de Daniel Defoe, e “As Viagens de Gulliver” (1726) que, segundo Costa (2008), obtiveram grande sucesso entre as crianças e adolescentes da época.

No Século XIX, as produções para as crianças passam a ganhar destaque e surgem diversas obras como por exemplo os “Contos de Grimm” (1812-1815), dos Irmãos Grimm, “Contos” (1835-1873) de Hans Christian Andersen, “Alice no país das maravilhas” (1863), de Lewis Carroll, “Pinóquio” (1883), de Collodi e “Peter Pan” (1911) de James Barrie.

Para Zilberman e Lajolo (1984) são esses autores do século XIX que afirmam e consolidam a literatura infantil como um gênero da literatura produzida na sociedade e lhe dão um papel definido, resultando na sua continuidade.

No Brasil, uma produção regular de livros infantis só surge no século XX, porém, a partir de 1808 começa-se a traduzir livros infantis famosos da Europa, porém as traduções eram esporádicas então não se configuravam em uma produção regular. Graças a Carlos Jansen e Figueireido Pimentel que passam a circular no Brasil traduções de diversas obras infantis, como: As Viagens de Gulliver (1888), Robinson Crusoé (1885) e as histórias dos Irmãos Grimm, Perrault e Andersen tem suas traduções divulgadas no “Contos da Carochinha” (1894), “Histórias da Avozinha” (1896) e nas Histórias da Baratinha (1896).

Essas traduções eram feitas em Portugal, em um português distante da língua materna dos leitores brasileiros. Essa distância entre a realidade linguística dos textos disponíveis e a dos leitores é unanimemente apontada por todos que, no entre séculos, discutiam a necessidade da criação de uma literatura infantil brasileira (ZILBERMAN e LAJOLO, 1984. p. 29)

Além da tradução dos consagrados contos de fadas, passa-se a traduzir e/ou adaptar também outras histórias como “Cuore” (1886) de Edmund de Amicis e “Le tour de la France par deux garçons” (1877) de G. Bruno que tinham crianças como protagonistas e como suas principais ideias disseminar o patriotismo, reprodução de comportamentos considerados adequados e obediência aos mestres e a família, moldando assim crianças modelos, ideias que se tonam exemplos a serem seguidos e influenciam as próximas adaptações realizadas.

Apenas em 1921, com a publicação de “Narizinho Arrebitado” de Monteiro Lobato é que a literatura infantil brasileira passa a ganhar forma, escrevendo para crianças em uma linguagem que elas pudessem se interessar. A partir de então a produção literária para crianças tem um salto no número de produções originais, nos volumes das edições, abrindo caminho para o interesse das editoras.

Monteiro Lobato, entre 1921 e 1944, publica não apenas um livro mas toda uma coleção de histórias do Sítio do Pica-Pau amarelo, misturando realidade e fantasia, onde as crianças passavam por diversas aventuras, começando a se distanciar do caráter patriota e moralista que até então predominava em todas as produções para crianças. A Monteiro Lobato coube fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje [...] ( COELHO,1991. p.225)

A Partir dos anos 60 e 70 surgem diversos programas e instituições voltados para o incentivo da leitura e reflexão sobre a literatura infantil como por exemplo : Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968) e o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (1973). Também ocorre nessa época uma mobilização e investimento do Estado apoiando o envolvimento com a leitura e publicação de títulos novos, devido ao baixo índice de leitura que começava a preocupar autoridades educacionais.

Apenas com o desenvolvimento dos estudos nas áreas de Psicologia e Psicanálise, durante os anos 70 e 80, ocorre uma intensificação das análises, interesses em favor do lado lúdico da literatura, buscando se distanciar completamente do caráter moralizante que estava presente na maioria dos livros destinados às crianças, começando assim discussões sobre a importância da literatura para a criança, nessa sua etapa de vida onde ela começa a entender o mundo a sua volta, a construir significados e construir sua visão de mundo, sendo essencial para o desenvolvimento pessoal e social da criança.. Assim toda a produção literária infantil brasileira passa a se reformular.

Hoje, as funções da literatura no Brasil entendem-se para além da Educação formal. Informar e educar passam a ser pano de fundo do interesse de autores e obras. Passam a primeiro plano o conhecimento do próprio indivíduo – leitor, o entretenimento (chamado, por vezes, de prazer) o experimentalismo na linguagem narrativa, o lúdico, a aventura do conhecimento humano. (COSTA, 2008. p. 74)

## 2. Literatura e Escola

Literatura e Escola caminham juntas desde antes da concepção escolar que temos hoje em nossas mentes, tendo esta relação iniciada com os gregos que utilizavam suas prosas e poesias para a transmissão de padrões morais, sociais, linguísticos e também como fonte de prazer.

Com a Revolução Industrial Europeia, a burguesia se solidifica como classe social e conquista um grande poder político, incentivando o surgimento de uma nova concepção de família e infância. Nessa nova concepção a criança é vista como um ser frágil e dependente, gerando a criação de novos objetivos e ramos da ciência destinados a ela ( ZILBERMAN e LAJOLO,1984)

A Escola surge também como um interesse da burguesia, como um espaço para mediar a fragilidade e o despreparo infantil e a sociedade adulta, propagando suas visões de mundo e valores, sendo primeiramente frequentado apenas pela burguesia. A literatura Infantil europeia tem sua difusão também durante essa época, com a tipografia a produção de livros. Porém, como ela se destina as crianças, depende da capacidade de leitura das mesmas.

Os laços entre literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. Neste sentido, o gênero dirigido à infância está no bojo dos processos que vem marcando a sociedade contemporânea desde os primeiros sinais da implantação desta (...) – trata-se de uma literatura para – como criação visando um mercado específico, cujas características precisa respeitar e mesmo motivar (...) Por outro lado, depende também da escolarização da criança, e isso a coloca numa posição subsidiária em relação à educação. Por consequência, adota posturas às vezes nitidamente pedagógicas. (ZILBERMAN e LAJOLO, 1984, pg 17)

No Brasil, durante o fim do século XIX e o início do XX, a partir da urbanização acelerada que vinha ocorrendo ocorre o momento ideal para o aparecimento da literatura e renovação da instituição conhecida como escola.

Cabendo a escola o papel fundamental de transformação da sociedade rural em uma nova sociedade urbana, formando a elite vigente tida como futuro do

país com os valores morais e ideológicos de outros países já industrializados que também se faziam presentes nas obras literárias europeias importadas que circulavam no Brasil.

Dessa forma percebemos que a leitura literária por muito tempo foi tida como um meio de ensinamento moral e de valores tidos como corretos pela sociedade vigente, o que torna compreensível sua intrínseca e complicada relação com a escola, principal instituição de ensino e promoção da leitura. Importante lembrar que no Brasil existem pouquíssimas bibliotecas públicas e os livros são muito caros para as camadas mais populares da sociedade, sendo assim o ambiente escolar passa ser o local do primeiro encontro e contínuo contato com os livros.

A questão é saber se a escola brasileira, hoje, está preparada para o exercício dessa tarefa. (ZILBERMAN, 2009, p. 28). Pensando nisso, somos bombardeados por diversos resultados negativos em diversas avaliações externas, como: o Pisa (Programa Internacional de avaliação de alunos), Saeb ( Sistema de avaliação da educação básica, INAF (Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional), ANA (Avaliação Nacional Alfabetização), dentre outros. Esses resultados destacam um baixo desempenho no índice de leitura entre os brasileiros, resultando na tão falada “crise da leitura”. Em frente dessa crise, a literatura se apresenta como a alternativa possível para combatê-la.

Pensando em reverter esses índices e democratizar o acesso a leitura, conforme já mencionado, surgem diversos programas como PNSL, PROLER, Pró--leitura na formação do professor e PNBE.

Importante frisar que somente a partir de 1980 que essa demanda por políticas de leitura se fez mais forte com as diversas pesquisas e conferências sobre o tema, mas mesmo assim muitas vezes acabam sendo descontinuadas, e as que continuam em vigor não apresentam um planejamento objetivo a longo prazo.

O primeiro programa destinado a leitura e acesso de livros no ambiente escolar foi o Programa Nacional Salas de Leitura – de 1984 até 1996. Ele tinha como objetivo principal oferecer acesso aos livros na escola, pelas salas de leituras, possibilitando o contato dos alunos com jornais, livros infanto-juvenis e revistas. Ele teve um bom desempenho e beneficiou mais de 8mil alunos entre 33 mil escolas.

Em 1988, o programa firmou uma parceria com o Instituto Nacional do Livro (INL), diversas prefeituras municipais e a FAE ( Fundação de Assistência ao Estudante), mudando assim seu nome para Salas de Leituras/Bibliotecas Escolares, resultando na criação de 10 mil bibliotecas escolares municipais, priorizando nesse ano o atendimento em nível municipal, somente em 1989 as escolas estaduais também foram contempladas em menor escala. Segundo Fernandes (2013), apesar da criação de novos programas e do aumento dos investimentos, a quantidade de livros distribuídos não possibilitou o alcance da meta de crescimento da leitura literária.

Além dos programas citados, também ocorreram diversas campanhas e ações com o intuito de promover a leitura entre os brasileiros, sendo elas : Ciranda de livros (1982- 1985), Viagem de Leitura (1986-1988), Sala de Leitura ( 1988), Quem lê viaja (1997), Tempo de Leitura (2001), Leitura em minha casa (2001-2004), Fome de Livro (2004) e Viva a Leitura (2005).

As maiores partes dessas campanhas tinham como público alvo as bibliotecas escolares e apenas o Quem Lê Viaja e o Fome de Livro se estendiam a população também fora da escola, o que nos faz perceber ainda mais essa relação do livro e escola. Porém essas ações apresentaram diversos problemas.

O PNBE atualmente se configura como o principal programa governamental de incentivo a leitura, já estando em vigor por mais de 10 anos e tendo como público alvo não somente a alunos mas também aos professores.

Ele entrou em vigor em 1998, distribuindo um acervo de 215 livros incluindo desde clássicos literários até dicionários para 20 mil escolas do 5º até 8º ano. Em 1999, o acervo foi de 109 obras de livros infantis e juvenis para 36 mil escolas do 1º ao 4ºano do Ensino Fundamental.

Já em 2000, pela primeira vez foram distribuídos 3,7 milhões de livros para os professores de escolas públicas que participavam do Programa de desenvolvimento continuado – Programa Parâmetros em ação, pretendendo incentivar o estudo e desenvolvimento dos docentes. Faziam parte desse acervo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI) dentre outros.

Durante o período de 2001 até 2004, o programa concentrou suas ações no projeto Literatura em minha casa, distribuindo acervos para as escolas, que por

sua vez, repassariam kits para os alunos. Pretendendo assim que os alunos além de conseguirem acessos as obras também as compartilhassem em casa com suas famílias e a sua comunidade. Esse formato do PNBE recebeu diversas críticas pois em algumas escolas os livros não foram suficientes para todos os alunos, e em outras os kits acabaram e não foram repassados para nenhum dos estudantes.

Em 2005, o PNBE volta a seu formato original reservando seus acervos para as bibliotecas escolares. Nesse ano eles foram distribuídos para alunos do 4º ano do fundamental. Em 2006 foram destinados às escolas de 5º ao 8º ano do ensino fundamental. No ano de 2007 não houve distribuição de livros pois devido a problemas internos, os títulos comprados nesse ano só foram distribuídos em 2008, e os de 2008 apenas em 2009. Um marco importante na história do programa ocorre no ano de 2008, quando passa a contemplar também livros para a educação infantil e ensino médio. Essa ampliação nos segmentos atendidos ocorre devido a mudança do FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério) para o FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação) onde é garantido uma verba para cada aluno de toda a educação básica, não sendo concentrada mais apenas no segmento do ensino em nível fundamental.

No ano de 2014, o acervo foi destinado às escolas de anos iniciais do ensino fundamental, EJA e de educação infantil. O acervo destinado a educação infantil conta com 50 obras no total para creches e mais 50 para pré-escolas, visando atender faixas etárias de 0 a 3 anos e de 4 a 5.

No total, o PNBE já beneficiou mais 200 mil escolas, compreendendo Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), Ensino Médio, EJA e a formação continuada de professores. Assim percebemos uma preocupação do governo em facilitar o acesso ao livro, porém os programas e ações não compreendem a mediação da leitura e seu uso correto nas salas de aula.

Apenas propiciar esse contato não garante a formação de leitores e sua apropriação, para isso é extremamente necessário práticas corretas e lúdicas que aproximem os alunos dos livros e das leituras. E é nesse pensamento que nos deparamos com o conceito de escolarização da literatura.

Podemos entender essa escolarização como nada menos do que a apropriação da literatura infantil pela escola, como um saber escolar e adequando-a para ser consumida na escola de acordo com os fins e interesses escolares.

Para Magda Soares (2001), o termo “escolarização” é sempre visto com uma carga negativa e depreciativa que não é justa, visto que ela faz parte e é imprescindível para a configuração da escola como existe nos dias atuais.

A diferença fundamental entre o aprendizado corporativo medieval e o aprendizado escolar que se difundiu no mundo ocidental foi uma revolução do espaço de ensino (...) como consequência e exigência dessa invenção de um espaço de ensino, surge um tempo de ensino (...). Assim, a escola é uma instituição em que o fluxo das tarefas e das ações é ordenado através de procedimentos formalizados de ensino e de organização. (...) É a esse inevitável processo – ordenação de tarefas e ações, procedimentos formalizados de ensino, tratamento peculiar dos saberes pela seleção, e conseqüentemente exclusão, de conteúdos (...) - é a esse processo que se chama escolarização, processo inevitável, porque é da essência mesma da escola, é o processo que a institui e que a constitui. (SOARES, 2001. Pg 21)

Assim, não existe nenhuma forma de evitar que a literatura ou qualquer outra atividade ou conhecimento não se escolarize ao estar presente e se tornar um saber escolar, porém a autora aborda que na realidade escolar essa atividade pode sim apresentar uma característica negativa.

Ou seja: o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendido que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o. (SOARES, 2001. Pg 22)

Relacionando a crise da leitura e essa inadequada escolarização da literatura, se torna necessário pensar a concepção de leitura que a escola vem abordando e fundamentando as suas atividades. Outro fator que também influencia muito nessas atividades é qual a concepção de literatura infantil a escola incorpora em sua prática, uma concepção mais pedagógica e instrutiva ou uma concepção estética.

Desde a criação da escola e da literatura infantil até o início do século 21, a concepção presente nas instituições era a instrutiva, o que resultou em práticas como as fichas de leituras e a leitura escolar como uma obrigação dos alunos, sendo realizadas também prova de leitura, algo que ainda acontece hoje em dia em alguns espaços escolares. Não somente isso, mas também a seleção dos livros somente por parte dos professores, a utilização da leitura somente para “acalmar” as crianças

e uso dos livros como pretextos para introdução de outros assuntos constituem a escolarização da literatura infantil. Essas práticas fazem o caminho contrário ao almejado e afastam ainda mais os alunos da leitura, e não auxiliam na formação de leitores ativos e críticos, mas contribuem para uma leitura passiva por parte dos alunos.

Geraldi (1997) aborda um fator também indispensável na reflexão sobre a leitura na escola, que é a questão da produção de significados de textos na escola, onde por muito tempo a única interpretação tida como correta era a do professor, que tinha para si a "leitura privilegiada" dos textos, renegando assim qualquer outra interpretação pelos alunos, o que foge do caráter polissêmico da literatura que desestimula os alunos e invalida o diálogo entre texto e suas experiências de vida.

Essas práticas desestimulantes também se fazem presentes na educação infantil, principalmente quando vemos nas salas de aula a leitura de livros em momentos nos quais há uma certa agitação na turma, o que se torna algo negativo quando a leitura só ocorre nessas situações.

O Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (1998) sugere, entre todas as suas diversas orientações, que os professores tenham cuidado ao organizar suas práticas de formas criativas que promovam nos alunos o interesse pela leitura e que participem de diversas situações de leitura de diferentes gêneros. E também, as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil de 2010 orientam que as práticas pedagógicas garantam as crianças experiências que Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura ( BRASIL, 2010, pg 26) e Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escrito (BRASIL, 2010, pg 25).

Não somente isso mas as Diretrizes também instruem que toda proposta pedagógica da educação infantil deve garantir o oferecimento de condições para que as crianças desfrutem de seus direitos sociais, humanos e civis. Tomando a concepção de Candido (2011) da literatura como um direito de todos, vemos que é imprescindível práticas de leitura na escola que possibilitem as crianças o contato com a literatura em todo seu potencial crítico, formador e estético.

Percebemos assim como a figura do professor é fundamental para o sucesso das práticas de leitura, porém um dos grandes problemas enfrentados na promoção da leitura na escola é que os professores querem despertar o interesse dos alunos pela literatura mas eles mesmos não leem, algo que pode ser considerado uma consequência da sua formação.

Mais especificamente, para que ocorra um bom ensino da leitura é necessário que o professor seja ele mesmo, um bom leitor. No âmbito das escolas, de nada vale o velho ditado “faça como eu digo (ou ordeno!), não faça como eu faço (porque eu mesmo não sei fazer)” isto porque os nossos alunos necessitam do testemunho vivo dos professores no que tange á valorização e encaminhamento de suas praticas de leitura. (SILVA, 2003, p. 109).

A grade curricular nos cursos de formação de professores é extensa e a literatura infantil não tem muito espaço nela, assim os docentes não tem um preparo maior para explorar adequadamente os livros literários, acabando assim por empregar as práticas conhecidas por eles, utilizadas nos seus anos do ensino básico.

Para que a literatura atinja todo seu potencial emancipador é imprescindível que o professor saiba selecionar os livros pensando na especificidade da sua turma e que compreenda a importância da literatura, sua natureza e estrutura.

### **3 – Práticas de Leitura Literária na Escola**

#### **3.1 Apresentação do Local de Pesquisa**

Como já citado no início desse trabalho, a escolha por essa escola se deu devido ao fato da pesquisadora já trabalhar lá a algum tempo e possuir um maior entrosamento com os funcionários e as crianças das turmas observadas.

A Escola como atualmente conhecida é o resultado da fusão de dois colégios diferentes mas com os mesmos princípios e valores religiosos, ambas situadas na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Na década de 1950, essas duas escolas foram fundadas por imigrantes que buscavam uma educação para seus filhos que fosse próxima de suas residências e que ensinassem suas tradições e cultura específica. No início, cada uma oferecia apenas a Educação Infantil e o Fundamental I, passando progressivamente a oferecerem o Fundamental II e o Ensino Médio.

A partir da fusão ocorrida, a instituição passa a ser uma só buscando manter os legados distintos e, ao mesmo tempo, adotar uma perspectiva inovadora e com maiores investimentos. A partir do ano 2013, essa instituição passa também a contar com uma segunda unidade, também na zona sul, atendendo apenas a Educação Infantil.

E é nessa nova unidade que a pesquisa foi realizada, o que é interessante de abordar pois apesar de ser uma instituição fundada há bastante tempo, essa nova unidade ainda está construindo sua identidade específica e sua equipe de funcionários. Conta atualmente com aproximadamente 100 crianças, divididas entre Berçário I (bebês a partir de 5 meses), Berçário II (crianças de completem 1 ano de idade até março do ano letivo), Maternal I (crianças que completem 2 anos até março do ano letivo), Maternal II (crianças que completem 3 anos até março do ano letivo) e Pré I (crianças que completem 4 anos até março do ano letivo) .

Em seus princípios e objetivos gerais para todos os segmentos, a Instituição propõe priorizar a formação em 3 níveis: a formação da pessoa, do aluno e do cidadão , buscando uma formação integral do ser.

Especificamente sobre o segmento da Educação Infantil, no seu Projeto Político Pedagógico, a escola apresenta uma visão de infância como tempo de

brincar, interagir, aprender e conhecer, para que se desenvolva em todos os aspectos. Buscando privilegiar esse ensino por meio da interação e experiências concretas nas diversas áreas do conhecimento. O projeto pedagógico é dividido em diversas áreas, sendo uma delas a Literatura Infantil, na qual a escola propõe um trabalho com a diversidade no uso de contos de fadas, fábulas, mitos, aventuras e lendas, assim como orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 2010. Em relação as práticas, o PPP cita apenas a utilização de ciranda de livros e roda de histórias, não nomeando mais nenhuma outra.

Todas essas informações obtidas até o momento estão abertas para todos no site da escola, inclusive a síntese do PPP do segmento da Educação Infantil.

A Instituição também apresenta um Caderno do Professor da Educação Infantil, que busca alinhar as práticas do professor com os valores específicos da escola. Esse material é apenas disponibilizado impresso para os professores e professores-assistentes. As estagiárias de Pedagogia apenas tiveram acesso a versão digital desse material.

Esse caderno do professor contém diversas orientações e procedimentos de rotina das crianças, procedimentos de conduta dos profissionais com sugestões e orientações de atividades para cada turma do segmento. Nessas aproximadamente 130 páginas de orientações não se fala muito sobre a leitura literária, apesar da Literatura ser considerada uma das áreas de conhecimento privilegiadas pela escola no seu PPP. Há apenas uma menção sobre esse assunto, nas sugestões de atividades para o Berçário I e II, onde é sugerido contar histórias com apoios de livros, imagens e sons.

A escolha dos livros das bibliotecas nas salas de aula, além de todos os outros livros trabalhados com as crianças, é feita pela coordenação da escola, podendo as professoras fazerem indicações, mas todos precisam passar pela aprovação da coordenadora.

Além disso, semanalmente existe uma reunião de orientação entre as professoras e a coordenação, buscando alinhar as propostas e os planos de aula com a visão pedagógica da instituição. A partir de conversas realizadas com as professoras das turmas, foi relatado que nessas reuniões são pensados e debatidos os planos de aula e as atividades que serão realizadas, se será utilizado ou não

algum livro como apoio, e como será feita essa atividade de leitura. Porém, esse plano de aula não contempla atividades para cada hora do dia, levando em consideração a idade das crianças, que precisam de mais tempos livres de brincadeiras. Ele contempla apenas uma atividade dirigida em cada dia da semana, de acordo com o tema que está sendo trabalhado na escola durante aquele mês.

Então, as atividades de leitura que ocorrem e não estão descritas no plano, ficam de fora do crivo dessa reunião, tendo as professoras mais liberdade e autonomia em relação a elas.

Assim, podemos considerar a partir dessas informações, que a escola se propõe a fazer uso da Literatura em sua diversidade, contando com um projeto de Ciranda de Livros para isso, e em relação ao uso da literatura em sala de aula o controle e orientação são feitos a partir da seleção dos livros e das reuniões semanais com as professoras.

### **3.2 A metodologia da pesquisa de campo**

Os instrumentos metodológicos utilizados para a pesquisa foram a observação participante e a utilização de um questionário com as professoras regentes das duas turmas de BII, que está no anexo 1.

Para Ludke e André (1986) a observação participante é uma estratégia que vai além da observação direta, pois há um grande envolvimento do observador na situação estudada. Como a pesquisadora também trabalha e esteve presente na rotina das turmas desde o início do ano, essa estratégia de observação acabou sendo a escolhida. Foram observadas diversas práticas entre Junho a Outubro de 2017, e também realizadas algumas durante esses meses, mas para análise estão sendo comentadas no trabalho apenas 2 que mais marcaram a pesquisadora. A Duração de cada uma dessas práticas foi de aproximadamente 15 até 20 minutos.

Em relação aos questionários, inicialmente seriam feitas entrevistas individuais e orais com as professoras, mas devido a dificuldade de ter um tempo para que estas pudessem ser realizadas, já que as professoras trabalham em outras escolas no contra-turno e também não poderiam ficar após o fim do expediente, elas preferiram que fosse feito um questionário para que pudessem responder em casa. Sendo assim, foi feito um questionário com 6 perguntas abertas a respeito das suas práticas de leitura, da formação de cada uma e da relação com a literatura. A partir

dessas perguntas e suas respostas analisei e discuti sobre as práticas de leitura observadas.

Esse questionário foi disponibilizado após o período de observações, em uma quarta-feira e devolvido à pesquisadora na semana seguinte.

### **3.3 Práticas de Leitura no Berçário 2**

Conforme percebemos anteriormente, a escola pesquisada tem a literatura infantil como uma área importante no seu trabalho pedagógico, e orienta o seu uso a partir da escolha dos livros e de reuniões de orientação semanais com as professoras, porém como já citado a orientação é maior em relação as atividades literárias que ajudam no trabalho do tema do mês, deixando a critério das professoras como as atividades com os livros fora dos planos de aula ocorrem.

Além do uso da literatura na sala de aula, a instituição dispõe de um projeto de Ciranda Literária, citado anteriormente, chamado “Projeto Vai e Volta” no qual a cada quinta feira a criança escolhe um dos livros disponibilizados para levar para casa e ler com a sua família, trazendo-o de volta na semana seguinte.

A partir dessa ciranda literária, de acordo com a Circular nº10\_2017 da instituição, a escola pretende incluir a família nas experiências de leitura das crianças e também busca conscientizar os pais da importância da leitura com os pequenos.

É importante dizer também o quanto pode ser significativo que os pais leiam histórias para seus filhos ou folheiem com eles um álbum de literatura infantil, levando-os a dizerem o que imaginam que irá acontecer na página seguinte depois de virada. (JOLIBERT, 1994, p. 129)

É importante que a escola busque uma parceria com os responsáveis das crianças para que a leitura não se torne algo que aconteça só na escola, mas também no seu ambiente familiar.

De acordo com a autonomia em relação as atividades de leitura, as duas turmas observadas, apesar de serem da mesma série (B2), são bem diferentes entre si e as atividades de cada professora também.

Nos questionários foi perguntado às professoras regentes se elas achavam que a literatura era importante para as crianças e se elas buscavam

oportunizar o contato das crianças com os livros. As professoras Catarina e Letícia<sup>1</sup> descreveram que consideram sim a leitura literária como importante para o cotidiano das crianças. *“A leitura é importante para a ampliação de vocabulário, estímulo de criatividade e imaginação; além de apresentar o mundo letrado às crianças, principalmente as tão pequenas.”* (Letícia. Professora da turma. Resposta do questionário, 13 de Setembro de 2017)

*“ A literatura deve estar presente no dia a dia de todos, pois é um rico momento de troca entre as pessoas e o mundo da imaginação. Para as crianças é muito importante também para a socialização e para trabalhar os sentimentos.”* (Catarina. Professora de turma. Resposta do questionário, 13 de Setembro de 2017)

Podemos perceber na fala das duas professoras que elas tem para si o entendimento e percepção de como a literatura é essencial não só para as crianças, como citado especificamente pela Catarina, mas sim para todos como um possibilidade de troca e socialização, principalmente para as crianças que na escola expandem suas relações, socializando com outras pessoas além do seu núcleo familiar.

Não é possível estimular a leitura e cativar novos leitores se não estamos convencidos das vantagens de ler. Não seremos capazes de converter analfabetos ou iletrados em leitores se não estamos convencidos da importância da leitura. (YUNES, 1994. P.20)

A professora Catarina, em outra parte do questionário, citou mais que procura sempre proporcionar um momento só para leitura ao fim do dia de forma a tranquilizar as crianças. Nas observações feitas podemos perceber que a leitura ocorre sim diariamente nas duas turmas, mas nem sempre de forma intencional. Por diversas vezes a leitura foi utilizada em momentos de grande agitação da turma de forma a tranquiliza-los.

Também foi observado que nos momentos onde a leitura ocorre de forma intencional, na maior parte dos casos a história contada está atrelada ao assunto escolhido para ser trabalhado naquele mês, sendo utilizado para adentrar ou reforçar o assunto em questão. Nesse sentido a leitura não consegue atingir todo o seu potencial para com as crianças, visto que a intenção das leituras na maior parte do tempo sempre tem um motivo por detrás que não a leitura por ela mesma e todos

---

<sup>1</sup> Todos os nomes descritos nesse trabalho foram modificados para proteger as identidades das crianças e dos outros participantes da pesquisa.

os benefícios que carrega consigo, mas sim para acalmar os ânimos ou reforçar algum tema, o que ocorre nas duas turmas.

No que tange a rotina das crianças com a leitura, desde o começo do ano observei que além do convite para a leitura, as professoras também organizam esse momento cantando uma música que abre a atividade de leitura. Quando todos começam a cantar as crianças já sabem que uma história será contada e algumas, que primeiramente não aceitaram o convite, após a música passam a se juntar às demais para participar da roda. Em alguns momentos, quando as professoras fazem o convite da leitura, alguns dos pequenos até mesmo antecipam e começam a cantar sozinhas a música e chamarem os outros que estavam brincando para participarem. Pode-se, ainda, compartilhar histórias através de rodas de leitura. Este é outro importante instrumento para a formação do leitor, pois com ele os alunos trocam experiências, compartilhando com colegas e professores as suas percepções sobre a história (PAIVA, 2010 apud KLUNCK ; PASCHOALI. p.6).

As rodas de leitura eram sempre muito animadas, um dos poucos momentos diários nos quais todas as crianças da turma e as profissionais se reuniam e ficavam com toda sua atenção presa ao mesmo objeto, compartilhando uma experiência coletiva que, nas discussões e na pergunta “*O que vocês acharam?*” desdobrava-se em várias outras experiências únicas e singulares.

Além das rodas de leitura, as professoras também realizavam outras práticas de leitura diversas, como: contação de histórias com teatro de fantoches, teatro de dedoches, desenhos no quadro de giz, fazem uso de instrumentos musicais ou outros instrumentos que possibilitassem o efeito sonoro desejado para cada momento da história e desenhos em um grande papel branco.

Percebemos assim que há uma grande variedade de práticas de leitura por parte das professoras, todas buscando o lado lúdico da leitura e estimular a imaginação e a criatividade das crianças, enriquecendo o contato das crianças com os livros. Porém existe uma grande incoerência a ser pensada em relação as atividades de leitura das duas turmas.

Conforme mencionado, grande parte das leituras não conseguem atingir todo o seu potencial devido as intenções por trás desses momentos de leitura. O uso da leitura como forma de aquietar as crianças e do livro como pretexto são usos que podemos considerar de acordo com Soares (2001) uma escolarização ruim e

deturpada que prejudica a apropriação da literatura com todas as suas nuances pelas crianças. Mas ao mesmo tempo, essas práticas são realizadas de formas lúdicas, interativas e que aproximam as crianças do mundo literário. Então como esse trabalho pode ser considerado? Não podemos negar que ele está sendo executado de uma maneira produtiva e significativa para as crianças, mas ela também está baseada em intenções que não contribuem para a formação de leitores críticos e ativos. Se faz necessário talvez maiores informações sobre o uso da literatura infantil em sala de aula na instituição, de uma forma que possa ser debatida e pensada por todos as (os) professores regentes, para que haja um maior espaço da valorização da leitura por ela mesma.

Em uma questão do questionário, foi perguntando se as professoras consideravam que a sua formação em pedagogia tenha as preparado para o uso correto da literatura em sala de aula. *“Apesar de considerar que tive uma boa preparação acadêmica, o que me preparou foi a prática e cursos de especialização com pessoas como Bia Bedram, Patrícia Corsino entre outros.”* ( Letícia. Professora de turma. Questionário, 13 de Setembro de 2017)

*“Acredito que poderia haver mais preparo em minha formação, por parte da faculdade. Minha formação me preparou apenas para eu buscar informações e materiais além das aulas.”* (Catarina. Professora de turma. Questionário, 13 de Setembro de 2017).

A partir da fala das professoras percebemos que houve um certo preparo e informações na sua formação em pedagogia, tendo sido fornecido materiais para os alunos poderem consultarem e se apropriarem mais sobre o assunto porém talvez não de uma forma profunda sobre o tema. Afinal é um curso de 4 anos que tem como função preparar os alunos para diversas funções como Gestão Escolar, Professor de Ed. Infantil, Professor de Ens. Fundamental I, Pedagogo em espaços não escolares etc. Mas como citado pela professora Catarina, ela foi preparada para buscar informações além sobre o tema e melhorar sua prática. Assim como Letícia, que foi a procura de cursos para se especializar, o que se faz visível pelas diversas práticas de leitura que ela apresenta as crianças, apesar da contradição citada anteriormente.

Durante a observação dessas atividades de leitura, fui percebendo o quanto as crianças se envolviam na história e em como elas reagiam positivamente

a essas diferentes atividades, sempre pedindo mais ou recriando elas mesmas as histórias ouvidas.

Importante frisar que as turmas observadas só receberam livros para o manuseio livre a partir do fim do primeiro semestre de aulas, entre Junho e Julho. Essa demora ocorreu devido ao fato que no ano anterior, as turmas de berçário 2 terminaram o ano letivo com muitos livros danificados e rasgados. Então de fevereiro até junho, o contato com os livros era sempre somente mediado pelas professoras, que algumas vezes após a leitura emprestava o livro para alguma das crianças folhearem. Essa questão da demora para disponibilizar os livros podemos perceber como uma forma de primeiramente ensinar as crianças como fazer esse manuseio e dos cuidados que devemos ter com os livros para não danificá-los.

Essa questão da falta de autonomia em relação a escolha dos livros, citada anteriormente, foi mencionada nas repostas dos questionários das professoras, que se queixaram desse fato pois perdem algumas oportunidades de trazerem certos livros que consideram que seria interessante e iria de encontro com o momento vivido pela turma.

Por diversas vezes pude observar diferentes crianças, durante o tempo livre, preferirem ir de encontro aos livros do que a outros brinquedos. Esse fato no começo pode ter sido causado pela novidade dos livros para manuseio livre em sala, mas mesmo após algum tempo ainda assim atitudes como essas foram vistas.

Algumas pediam aos adultos para que pegassem um livro para eles, e outras conseguiam pegar sozinhas. Em algumas situações uma criança se isolava para folhear algum livro e então outras iam se juntando a ela, transformando aquela leitura em um momento compartilhado com seus pares, sem a intervenção de algum adulto. As próprias crianças se organizavam para realizarem essa leitura, lendo as imagens ou recontando a história pelo que elas já tinham ouvido das professoras.

Em uma de suas orientações e disposições, o RECNEI (1988) diz ser crucial esse manuseio livre dos livros pelas crianças, para que elas também criem seus momentos particulares com eles. A maior parte dos livros dispostos na sala contém grandes e coloridas imagens, o que se faz essencial para as crianças nessa faixa etária de 1 a 2 anos, pois é a partir das imagens que eles fazem a suas leituras.

Nessa fase livros com grandes ilustrações, que ocupem a maior parte das páginas, que contam a história – permitindo que as crianças pequenas recontem a história sem o auxílio do adulto são muito importantes e favorecem a autonomia da criança frente ao livro. Com esse mesmo propósito, devemos criar um espaço na sala de aula para a biblioteca: dispor os livros [...] em estantes ou caixas acessíveis às crianças. (KAECHER, 2001. P. 84)

Além das observações das práticas das professoras, pude também realizar algum momento de leitura com as crianças. Alguns desses momentos foram espontâneos nos quais as crianças traziam o livro e pediam para que eu contasse a história. Outros foram intencionais, visando um momento de leitura com as crianças.

Em uma contação de histórias intencional, estava lendo um livro chamado “O Livro dos Sentimentos<sup>2</sup>” e durante a leitura havia uma página na qual mostrava um peixe solitário no aquário e a leitura estava dizendo que às vezes nos sentimos sozinhos, assim que li isso, uma das crianças chamada Matheus falou “ele tá triste”, perguntei “quem está triste, Matheus?” ao que ele me respondeu “O peixe. Ele tá sozinho e triste”. Fiquei amplamente surpresa pela conexão que ele demonstrou entre o estar sozinho e o estar triste, pois a imagem não mostrava um peixe com uma expressão triste. Após ele falar isso algumas outras crianças começaram a perguntar se ele estava triste, respondi que não sabia e perguntei se eles achavam que ele estava e algumas, incluindo Matheus, disseram que sim. Então Maria Clara me disse “ele ta sem a mamãe dele”.

As crianças estabelecem um diálogo com as produções além das intenções previstas pelos adultos. Assim, com os livros, por exemplo, ficam mais envolvidas com as ilustrações, com as cores e atmosfera onírica dos livros, do que com a função moralizante dos textos (MATTOS, 2013. Pg. 106).

Assim, percebemos que nessa situação ao estar focada na leitura do texto, não pude realizar uma leitura da imagem como as crianças. A partir dessa leitura e de suas experiências, Matheus durante essa experiência literária conseguiu criar uma conexão com esses dois sentimentos, e foi muito além do que eu estava esperando. Maria Clara continuando o desdobramento da fala de seu amigo, deu um sentido para essa conexão trazendo o motivo pelo qual ele deveria estar triste e sozinho, algo que em sua experiência justifica essas duas emoções: a ausência da sua mãe.

---

<sup>2</sup> O Livro dos Sentimentos é um livro de Todd Parr de 2011. Disponibilizado no Brasil pela Editora Panda Books. É um livro que fala sobre os sentimentos e como devemos compartilhá-los.

Em um outro momento, durante uma atividade da professora Letícia, ela estava lendo o livro “O que cabe na mala<sup>3</sup>?” e toda a turma estava atenta, algumas crianças chegando mais perto para ver o livro, todas ficaram impressionadíssimas com a Cutia. Após essa atividade, ainda no mesmo dia, em um momento de brincadeira livre, Giovane pede o livro à Letícia para que ele possa olhá-lo novamente, e então observando-o vejo que ele está atento lendo as imagens e recontando o livro a sua maneira, focando no personagem da cutia.

Algumas semanas depois disso, durante a aula de artes, a professora especializada começou a ler o livro “O Ratinho, o Morango vermelho maduro e o Grande Urso Esfomeado<sup>4</sup>”, depois da leitura desse livro Giovane veio até mim e perguntou “a cutia come morango?” No primeiro momento não entendi, mas então lembrei de como ele tinha gostado do livro da mala e como tinha se impressionado com a cutia. Pude ver como aquele livro foi interessante e significativo para ele de uma maneira que não ocorreu com os outros e como aquela prática suscitou a curiosidade dele em relação aquele animal e em como ele vive.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação. ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. ( BETTELHEIM,2002, p. 13),.

---

<sup>3</sup> Cabe na Mala é um livro de Ana Maria Machado e Claudius, da coleção Mico Maneco. Disponibilizado pela editora Salamandra, no ano de 2012.

<sup>4</sup> É um livro de Audrey Wood, disponibilizado no Brasil pela Brinque Book.

#### **4 – Considerações Finais.**

Analisando o decorrer desse trabalho, pudemos primeiramente discutir e analisar a importância da literatura para todos os indivíduos, entendendo-a como um direito que cabe a todos nós e o qual nos é indispensável para nossa relação com o mundo e com nós mesmos. Mas grande parte dos adultos não leem, conforme destacado na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.

Essa falta da leitura podemos considerá-la como um resultado da falta de estímulos da leitura nas escolas tradicionais, onde grande parte desses adultos de camadas populares tiveram sua formação e também como falta de incentivo a leitura em suas casas, afinal se os pais não leem e não tem compreensão da importância dela, para que irão ler para seus filhos?

A partir disso, se faz essencial a discussão sobre a leitura literária para as crianças nas escolas onde, para algumas, é o único espaço na qual terão esse convívio com os livros. Esse estímulo à leitura, conforme vimos no trabalho, deve ser feito desde cedo para que a criança já venha a se apropriar do objeto livro e ter uma relação prazerosa com a literatura.

Essa pesquisa buscou apresentar, discutir e analisar não somente a importância da literatura, mas também o seu surgimento e difusão; sua difícil relação com a escola, e o seu uso errôneo e mal escolarizado; e como o governo buscou incentivar a leitura dentro e fora das escolas. Todas essas discussões se entrelaçam e são essenciais para poder conhecer a literatura infantil e analisar de uma forma embasada as observações realizadas na escola pesquisada.

Pensando nos objetivos propostos no início desse trabalho, conforme vimos no capítulo 3, a instituição onde se deu a investigação, tem a literatura como uma base importante do trabalho, efetivando assim o direito das crianças à literatura. E também busca aproximar esse contato da leitura das crianças com suas famílias, fazendo com que as experiências literárias tenham mais significado ainda para as crianças e buscando conscientizar os pais sobre a importância desse estímulo a leitura para os pequenos.

Conforme observado nas duas turmas do B2, a leitura literária está sim presente no cotidiano das turmas seja de forma intencional ou espontânea.

Podemos perceber uma certa contradição nas atividades de leitura, pois as atividades na prática ocorrem de variadas e diferentes formas, todas de maneira

bem lúdicas, porém alguns de seus objetivos estão atreladas a uma má escolarização da literatura. Elas não ocorrem tendo como objetivo se beneficiar de todo o potencial e caráter humanizador que existe na literatura, mas sim pensando nos conteúdos programáticos da escola. E também como podemos perceber isso fica mais incoerente com as falas das professoras, que se mostram apropriadas da importância desse contato das crianças com a leitura literária.

Levantamos aqui a suspeita de que, caso fosse dado um pouco mais de autonomia às regentes de turma nas escolhas dos livros o trabalho delas com os livros pudesse ser mais interessante visto que, de acordo com os interesses das turmas por certos temas, elas até pensavam em trazer livros para que eles pudessem se beneficiar e conhecer mais sobre aqueles seus interesses, mas infelizmente alguns desses livros não foram aprovados pela coordenação.

A partir de minha observação participante nas duas turmas, pude presenciar algumas experiências muito enriquecedoras e perceber como as práticas literárias que ocorrem nas turmas afetam positivamente as crianças. Elas sempre participavam com uma grande vontade e felicidade das rodas de leituras, algumas até mesmo faziam rodas entre elas, contando a história a partir das imagens para seus amigos.

Apesar de pequenas, as crianças das turmas de B2 mostraram positivamente como a relação com o livro é dialógica, apresentando falas e compreensões inesperadas para os adultos que estavam mediando as leituras.

Portanto, podemos concluir que nunca é cedo demais para incentivar a leitura para as crianças, pois por mais que elas não saibam ler as palavras elas conseguem fazer uma leitura e ter um entendimento a partir das imagens, e que práticas literárias na escola para crianças devem estar sempre baseadas em um bom conhecimento acerca da literatura infantil e em atividades lúdicas que afetem positivamente a criança e possibilitem experiências coletivas e individuais enriquecedoras.

Ler histórias para crianças, sempre, sempre...É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas [...]  
(ABRAMOVICH, 2005. Pg.17)

## 5- REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil : Gostosuras e Bobices**. 5ª Edição. São Paulo : Scipione, 1997.

BAMBERGUER, Richard. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004

BETTELHEIM. Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas** Tradução de Arlene Caetano. 16ª Edição. Editora: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**: leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras. Secretaria de Educação Básica. BERENBLUM, Andréa; PAIVA, Jane (orgs.). Ministério da Educação. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2011.

CASSIANO, Adriana Aparecida. **O Prazer de Ler: O Incentivo da Leitura na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Londrina, 2009. Disponível em <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ADRIANA%20APARECIDA%20CASSIANO.pdf>> Acesso em 20 de Março de 2017.

CIRINO, Darciane. **Programa Nacional Biblioteca da Escola- PNBE : Apropriação dos acervos para a formação de leitores no município de Ipameri-Goiás**. Dissertação de Mestrado. Goiás, 2015. Disponível em <[https://mestrado\\_educacao.catalao.ufg.br/up/549/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Darciane.pdf](https://mestrado_educacao.catalao.ufg.br/up/549/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Darciane.pdf)> Acesso em 05 de Setembro de 2017.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo européias ao Brasil contemporâneo**. 4 ed. Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil. Teoria – Análise – Didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Marta Morais. **Literatura Infantil**. IEDES BRASIL SA. São Paulo, 2008.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infanto-juvenil e educação** [livro eletrônico]. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em: <[http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/LEITURA%20INFANTO%20JUVENIL\\_DIGITAL.pdf](http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/LEITURA%20INFANTO%20JUVENIL_DIGITAL.pdf)> Acesso em: 10 de Julho de 2017.

GERALDI, João Wanderley. Identidades e Especificidades do Ensino de Língua. IN: \_\_\_\_\_. **Portos de Passagem**. 4ª Edição. São Paulo : Martins Fontes, 1997.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

JOLIBERT, J. e colaboradores. **Formação de crianças leitoras**, - vol 1. São Paulo. Penso. 1994.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. 6º Ed. São Paulo: Ática, 1984.

LAJOLO, Marisa. Meus alunos não gostam de ler... O que eu faço? IN: BRASIL, Ministério da Educação. **Linguagem e Letramento em Foco : Linguagem nas Séries Iniciais**. Setembro, 2005. Disponível em <[http://www.peif.ufms.br/downloads/meus-alunos-nao-gostam-de-ler\\_lajolo.pdf](http://www.peif.ufms.br/downloads/meus-alunos-nao-gostam-de-ler_lajolo.pdf)> Acesso em Março de 2017.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. Menga Ludke, Marli. E. D. André – São Paulo: EPU, 1986.

MATTOS, Maria Nazareth. **Leitura Literária na Creche : O livro entre texto, imagens, olhares, corpo e voz**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, 2013.

Disponível em < <http://www.educacao.ufri.br/dissernazareth.pdf> > Acesso em Março de 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**: 8. Ed. Campinas: Papyrus, 2003.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (org.) **A escolarização da leitura literária – O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

KLUNCK, Aline; PASCHOALI, Daiana. **Literatura Infantil e a Formação de Leitores : Um olhar para a contribuição escola e família**. Disponível em < <http://faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/6SEMIC/arquivos/resumos/RES16.pdf> > Acesso em 18 de Outubro de 2017.

KAERCHER, Gládis E. (Orgs.). **Educação Infantil pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

YUNES, Eliane. Políticas de Formação do Leitor. IN: BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **A Formação do Leitor : O Papel das Instituições de Formação do Professor para a Educação Fundamental**. São Paulo: Editora Moderna, 1994.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos**. São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura na Escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 1987

ZILBERMAN, Regina. A Escola e a Leitura da Literatura. IN: Zilberman, Regina ; RÖSING, Tania. **Escola e Leitura : Velha crise, novas alternativas**. São Paulo : Global, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **O Papel da Literatura na Escola**. Revista USP,2008. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/54486> > Acesso em 15 de Dezembro de 2016.

**6- ANEXOS**

- **Anexo I – Questionário entregue as professoras participantes da pesquisa.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**Identificação:**

Nome \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

**Formação:**

Curso: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Instituição : \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Tempo de magistério : \_\_\_\_\_

**Questionário :**

01. Você gosta de ler livros de literatura? Se considera uma leitora literária?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

02. Para você qual a importância da literatura para as pessoas em geral? E especificamente para as crianças?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

03. Você busca oportunizar o contato das crianças com os livros na rotina?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

04. Quais são as práticas de leitura que você utiliza com as crianças?

---

---

---

---

---

05. Como você escolhe os livros que serão utilizados?

---

---

---

---

---

06. Como é feito o preparo para os momentos de leitura?

---

---

---

---

---

---

07. Você considera que a sua formação te preparou para o uso da literatura em sala de aula?

---

---

---

---

---

- **Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: Literatura na Escola: As crianças do berçário e os livros.

Pesquisador: Lorena Barbosa Mendes tel: (XXXXXXXXXX)

e-mail: [XXXXXXXXXX](#)

Eu \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_,

declaro estar de acordo em participar da pesquisa realizada pela autora acima, orientada pelo Professor doutor Leonardo Villela de Castro, da Escola de Educação da UNIRIO, mat. XXXXXX, RG XXXXXX. Esta pesquisa que se propõe a analisar as relações da criança do berçário de uma determinada escola com os livros de Literatura.

Estou ciente de que as respostas serão apenas para a pesquisa realizada. Fica garantida minha liberdade de desistência de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como o sigilo e o anonimato, sem que ocorra qualquer tipo de coerção ou prejuízo. Fica garantida minha liberdade de não responder a questões que me causem algum constrangimento. Quanto a custos e receita, estas são nulas, não havendo qualquer tipo de despesa de minha parte, ou ganho com minha participação nesta pesquisa. Recebi todas as informações necessárias, estando ciente dos objetivos de contribuir para as reflexões sobre as relações das crianças, com as quais desenvolvo atividades de Literatura, no âmbito da minha atuação profissional, e para que seus resultados possam contribuir também para a melhoria do processo educativo da escola a qual estou vinculada.

Serão mantidos todos os preceitos éticos legais durante e após o término da pesquisa. Este termo será realizado em duas vias para que uma fique com o entrevistado e outra com a pesquisadora. Em caso de dúvida: poderei entrar em contato com a pesquisadora pelos endereços ou telefones citados acima. Ciente dos termos propostos, concordo em participar da pesquisa.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

- **Anexo III – Autorização para pesquisa na Instituição.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**De: Professor Dr. Leonardo Villela de Castro**

**Para: Direção do Colégio XXXXXXXX**

**Rio, 24/05/2017**

### **Autorização para Pesquisa**

Venho por meio desta, solicitar que a aluna Lorena Barbosa Mendes, matriculada sob o nº de matrícula XXXXX, desenvolva seu projeto do final de curso, de acordo com o resumo em anexo, nesta instituição de ensino. Deste projeto consta uma pesquisa de campo com turmas de crianças na faixa etária de 1 a 2 anos, cujas atividades seriam desenvolvidas como pertencentes a rotina destas turmas. Serão, na verdade, observações das turmas quando em atividades envolvendo livros de literatura infantil, entrevistas com as professoras das turmas envolvidas e realização de oficinas de contação de histórias. Para as professoras envolvidas serão solicitadas assinaturas em “Termos de Consentimento Livre e Esclarecido”, cujo exemplar está em anexo, conforme determinam os regulamentos da ética em pesquisas com seres humanos do Conselho de Ética na Pesquisa da nossa universidade. Pretendemos que esta parte do trabalho seja desenvolvida entre os meses de junho/2017 a outubro/2017.

Esperando contar com a anuência desta direção, despedimo-nos,  
Atenciosamente,

---

**Prof. Dr. Leonardo Villela de Castro  
Licenciatura em Pedagogia  
UNIRIO  
Mat. XXXXXXXX**

Após a leitura desta carta e seus anexos, concordamos com a realização da pesquisa nesta instituição:

---